

SANDRA CAVALCANTI

A CNBB e a evangelização

As comemorações do Descobrimento do Brasil vão produzindo, na imprensa e nas escolas, muitos trabalhos interessantes sobre a nossa história. Sinal disso é o sucesso da venda de livros sobre esse assunto.

Ao lerem esses livros, geralmente muito bons, muitas pessoas deduzem que o ensino recebido nos bancos escolares, além de deficiente, foi ideologicamente contaminado. Só agora, adultas e mais vividas, elas começam a avaliar corretamente o que foi a grande aventura dos descobrimentos. Só agora, graças a excelentes pesquisas, a versão correta sobre o preparo na organização dessas expedições mostra a importância de seus objetivos.

Infelizmente, ainda há grupos bastante atrasados, ignorantes mesmo, que se empenham em julgar as façanhas dos descobridores pela ótica do mundo de hoje, com países estruturados, com democracia e liberdade, com direitos humanos definidos em lei e com relações internacionais cada dia mais claras. Não se dão conta de que, por trás de toda aquela deslumbrante coragem, de toda aquela louca audácia, existiam, além de grandes negócios altamente lucrativos, outros costumes e outras regras de conviver.

Aproveitando-se dos meios de transporte daquela época, utilizando-se das organizações comerciais, estavam os que pensavam em expandir o reino da cristanda-



Pedido de desculpas jogará o País em imenso ridículo nacional e internacional

de. Nas caravelas de então, em que viajavam experimentados pilotos, sábios, cientistas, funcionários dos respectivos impérios, lá estavam os sacerdotes missionários.

No caso do Brasil, removido o entulho positivista e marxista do ensino de nossa história, só agora é que podemos avaliar o que sig-

nificou, para nosso começo como nação, a presença dos padres missionários.

A chegada dos jesuítas, em 1549, marca o início da escola pública, da luta pela obediência às leis e, principalmente, da valorização da criatura humana. Nunca será demais exaltar as figuras de Nóbrega, Anchieta e seus companheiros.

Pedir desculpas pela ação evangelizadora desses pa-

dres, definindo o seu comportamento como cruel, colonialista, desrespeitador, impositivo e deformador, é dar prova de total desconhecimento dos fatos e de total cegueira diante da realidade.

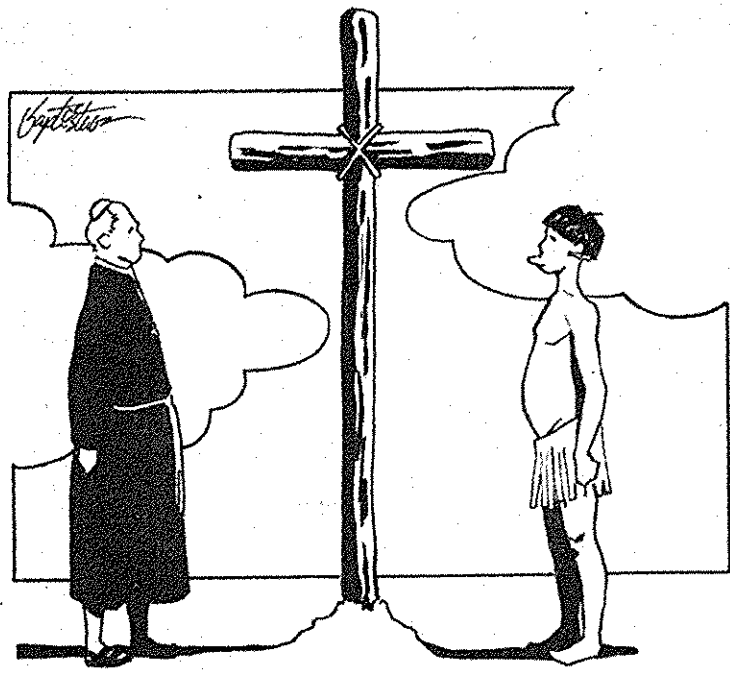
Quando aqui chegaram, logo após o Descobrimento, os padres não encontraram um país estruturado, uma nação organizada. O território, vasto e indefinido, era ocupado por milhares de grupos nativos. Não eram homogêneos, não tinham a mesma cultura nem o mesmo grau de desenvolvimento. Portanto, não tem cabimento vir com essa história de que os evangelizadores cometeram um crime cultural contra os índios e, por isso, a Igreja Católica vai, agora, 500 anos depois, pedir desculpas.

Se foi crime colonizar o Brasil, organizar o território, dar instrução, buscar melhores condições de vida, implantar hábitos de higiene, ensinar a viver sob o império das leis, então o pedido de desculpas não é só da

Igreja Católica. É dos protestantes, é dos espíritas, é dos positivistas, é dos portugueses, dos franceses, dos holandeses, dos ingleses, dos americanos, dos espanhóis. É dos médicos, que desmoralizaram os curandeiros. É dos engenheiros, que construíram estradas de ferro e pontes. É dos professores, que ensinaram a ler e a escrever. É dos músicos, que introduziram instrumentos desconhecidos dos índios. É dos marinheiros, que construíram outro tipo de embarcações. É das famílias novas, que não aceitaram mais matar velhos e crianças aleijadas. É das agriculturas, que plantaram cana e café. É, principalmente, dos cozinheiros europeus, que mudaram os hábitos nativos e tiraram, de nosso cardápio, os saborosos churrascos de brancos, bispos e desafetos.

A CNBB pretende fazer, em nosso nome, sem autorização nossa, apoiada por delirantes reescritores da História do Brasil, um pedido de desculpas pela forma como nossos missionários atuaram na evangelização. Esse gesto jogará o País num imenso e indescritível ridículo, nacional e internacional.

De minha parte, que carrego no sangue a doce mistura de todas as raças que compõem o povo do meu país, meu pedido de desculpas é outro. Dirijo-me a Nóbrega, Anchieta e aos outros, que devem estar, lá em cima, atônitos com essa idéia de jericó. Olho para eles e peço: "Por favor, perdoem! Até mesmo na CNBB ainda há grande obra de evangelização a realizar..."



■ Sandra Cavalcanti é secretária especial de Projetos Especiais da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro
 E-mail: scavalca@pcrj.rj.gov.br